

JOÃO PAULO HEIDGGER MORESCKI



A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO ENSINO
FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE CURITIBA: A
COMPREENSÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA
INICIANTE.

Monografia apresentada à disciplina Seminário de Monografia B como requisito parcial à conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marynelma Garanhani

CURITIBA
2007

JOÃO PAULO HEIDGGER MORESCKI

A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO ENSINO
FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE CURITIBA: A
COMPREENSÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA
INICIANTES

Monografia apresentada à disciplina Seminário de
Monografia B como requisito parcial à conclusão do
Curso de Licenciatura em Educação Física do Setor de
Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marynelma Garanhani

CURITIBA
2007

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa à minha família, ao meu pai Luiz Fernando Macedo Morescki (*in memoriam*), mãe Rita de Cássia Heidgger Morescki, pais devotos, companheiros e provedores de uma excelente formação.

Em segundo plano aos professores/as e alunos/as do Ensino Fundamental de todo país.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à prof^a Dr^a Marynelma Garanhani pela orientação, paciência, dedicação e compreensão. Às Professoras da rede municipal que participaram e colaboraram: Carmela Bardini, Bruna Bardini, Francis Madlener de Lima e Grasielle Miranda. Aos colegas da Disciplina de Seminário B e também à todas as pessoas envolvidas, bem como, prof^a Dr^a Valeria Milena Roerich, Carmela Bardini pela suporte, colaboração e incentivo.

Em especial à Marçal Jácomo Montanarin Lombardi amigo dileto e companheiro de discussões, inquietações e ideais.

O que sabemos é uma gota; o
que ignoramos é um oceano.
Isaac Newton

RESUMO

O objetivo da pesquisa é verificar como os/as docentes de Educação Física estão compreendendo a inserção das turmas de Educação Infantil no Ensino Fundamental e identificar quês recursos de sua formação utilizam para a docência nesta nova estrutura educacional. Para isto foi construído um referencial teórico com base nos seguintes autores: CHARLOT (2003); TARDIF, LASSARD e LAHAYE (1991) que abordam a formação de professores; GALVÃO (2002); ABRAHÃO (2004); FREIRE (1987) Que apresentam estudos sobre os professores de Educação Física e as orientações do MEC (2004) sobre a reestruturação que o Ensino Fundamental está passando. O diálogo com estes/as autores/as sobre estes temas supracitados fornecerão indícios para as análises das falas dos sujeitos da pesquisa. Após a construção do referencial teórico foram realizadas entrevistas com quatro professoras de Educação Física da rede municipal de ensino de Curitiba, atuantes no Ensino Fundamental, especificamente nas turmas de Ensino Infantil. Os professores se caracterizando como iniciantes e conseqüentemente escolhidos para o estudo foram que se formaram nos anos de 2003/2004 sendo que os eleitos foram aqueles que se dispuseram a participar da pesquisa. O dia, local e horário das entrevistas foram combinados de acordo com a disponibilidade do entrevistado e, os mesmos autorizaram a sua identificação no estudo. Para a coleta de dados, foi utilizada como instrumento de pesquisa a entrevista semi-estruturada a qual segundo Negrine (1999) tem o objetivo de dar autonomia ao entrevistado para citar fatos relevantes. Com a análise das entrevistas conclui-se que as professoras compreendem que suas respectivas escolas não recebem um amparo efetivo do MEC e também que a escola aos poucos esta se adaptando ás novas exigências. Adicionam que esta reestruturação não aconteceu ainda em definitivo, ou seja, esta em processo de construção. Sobre os recursos que utilizam da sua formação de graduação neste contexto de reestruturação é bastante limitado, porém esta formação lhe da autonomia para poder intervir neste novo contexto educacional.

Palavras-chave: Educação Infantil; formação de professores; Educação Física.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	4
2.1. A REESTRUTURAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	4
2.2. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	5
2.3. PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	7
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	10
4. APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	12
4.1 A INSERÇÃO DAS TURMAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	12
4.2 O QUE MUDOU NO TRABALHO DOCENTE DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM A INSERÇÃO DAS TURMAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	14
4.3 OS CONHECIMENTOS SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	16
5. CONCLUSÕES.....	21
REFERÊNCIAS.....	24

1. INTRODUÇÃO

No atual momento o Ensino Fundamental da Educação Básica está passando por uma reestruturação. Segundo o MEC:

A ampliação do Ensino Fundamental para nove anos vem sendo discutida pela Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC) com os sistemas de ensino. Prevista na Lei nº 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), e em uma das metas do Ensino Fundamental no Plano Nacional de Educação (PNE), esta ampliação objetiva que todas as crianças de seis anos, sem distinção de classe, sejam matriculadas na escola. (2004, p.2)

As crianças entrarão no Ensino Fundamental com seis anos, ou seja, elas que normalmente estariam na Educação Infantil, cursando a pré-escola, estão sendo inseridas no ensino fundamental mais cedo.

De acordo com o MEC:

A ampliação em mais um ano de estudo deve produzir um salto na qualidade da educação: inclusão de todas as crianças de seis anos, menor vulnerabilidade a situações de risco, permanência na escola, sucesso no aprendizado e aumento da escolaridade dos alunos. Os processos educativos precisam ser adequados à faixa etária das crianças ingressantes para que a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental aconteça sem rupturas traumáticas para elas. A ampliação tem implicações, que não podem ser subestimadas, em vários aspectos: proposta pedagógica, currículo, organização dos espaços físicos, materiais didáticos e aspectos financeiros. Também repercute sobre a Educação Infantil, pois as diretrizes em vigor para esta etapa precisarão ser reelaboradas. (2004, p.2)

Entretanto, é necessário que a adaptação das crianças seja garantida. Kramer e Bazilio (2003) nos orientam sobre este fato ao considerar que o problema não é onde incluir, mas garantir que as crianças sejam reconhecidas nas suas necessidades – em

especial de brincar – e que o trabalho seja pensado, planejado, discutido e acompanhado por professores/as, diretores/as e autoridades em ambos os níveis.

Neste contexto de mudança, o/a docente exerce um papel de mediador/a, pois é responsável pela educação das crianças. Contudo, quais as implicações que esta reestruturação do Ensino Fundamental exige destes/as docentes? Quais as contribuições de sua formação para a sua adaptação neste novo contexto de educação?

Na Rede Municipal de Ensino de Curitiba, cada escola possui um corpo docente que é composto por vários professores/as, dentre estes docentes encontramos o /a professor/a de Educação Física que possui a tarefa de atuar em todas as turmas do Ensino Fundamental, diferente do professor/a regente que se caracteriza por se responsabilizar apenas por uma turma. A Educação Física, como disciplina, é uma das responsáveis pelo desenvolvimento da criança no mundo do movimento desde a pré-escola. Através do lúdico, tem o objetivo de desenvolver as capacidades físicas, coordenação motora e a interação com os demais colegas.

O docente de Educação Física tem este compromisso na Educação Básica, ser o mediador entre aluno/a e as práticas de movimento presentes em nossa cultura. Em teoria podemos apresentar esta afirmação. Porém, a sua realização é um tanto problemática, pois cada escola possui suas particularidades de tempo, espaço, organização e também dos alunos/as, até porque todos não pensam e ajem de maneira iguais. Estes fatos influenciam a prática docente, exigindo métodos e recursos didáticos os quais facilitam o trabalho pedagógico. Nesse contexto de desafios, surgiu a meta do MEC de reestruturar o Ensino Fundamental e diante deste cenário, surge a seguinte questão: qual a compreensão do/a professor/a de Educação Física sobre a

inserção das turmas de Educação Infantil no Ensino fundamental e quês recursos de sua formação ele/a utiliza nesta estrutura educacional em processo de mudança?

Assim o objetivo da pesquisa é verificar como os/as docentes de Educação Física estão compreendendo a inserção das turmas de Educação Infantil no Ensino Fundamental e identificar quês recursos de sua formação utilizam para a docência nesta nova estrutura educacional.

Os docentes investigados foram graduados da Universidade Federal do Paraná, dos anos de 2003 e 2004 que participaram do concurso público municipal, realizado no ano de 2005, com o objetivo de prover cargos de professores de Educação Física no Ensino Fundamental da rede municipal de Curitiba.

Na Educação Infantil, sobretudo na Educação Física, de acordo com Sayão, (1999) “a produção de conhecimento em relação à faixa etária de zero a seis anos é escassa”. Em decorrência disto, este estudo se justifica pela necessidade de pesquisas sobre este tema. Acredito que com este trabalho estaremos contribuindo para a expansão de saberes relacionados com a Educação Infantil na Educação e na Educação Física e, principalmente, no aumento da qualidade da formação dos seus docentes. Este trabalho poderá contribuir também no âmbito acadêmico com a identificação de estratégias utilizadas pelos professores/as de Educação Física que se encontram em contextos educacionais em reestruturação.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A REESTRUTURAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL

O aumento do Ensino Fundamental para nove anos, mesmo antes de ter sido obrigatório pela lei nº 11274/2006, já acontecia, porém, de maneira informal. Através de dados do próprio MEC (2004, p.19) “81,7% das crianças de seis anos estão na escola, sendo que 38,9% freqüentam a Educação Infantil, 13,6% as classes de alfabetização e 29,6% já estão no Ensino Fundamental”. De acordo com estes dados, conclui-se que o governo está legalizando a situação de crianças que se apresentam fora da Educação Infantil, ao criar a lei que obriga a inclusão das crianças de seis anos no Ensino Fundamental.

Considera-se também que este aumento de séries da Educação Básica foi uma tentativa do governo de corrigir este quadro, obrigando a matrícula de crianças de seis anos, que por algum motivo não estão cursando a pré-escola. Com isto o governo tem a intenção de “criar uma nova estrutura de organização de conteúdos em nove séries, considerando o perfil dos alunos, ou seja, entrar no Ensino Fundamental, mas sem perder o referenciais da pré-escola, e não simplesmente de transferir para as crianças de seis anos os conteúdos e atividades da tradicional primeira série” (MEC, 2004, p.19).

Nessas circunstâncias o/a professor/a possui um importante papel, pois é este profissional que tornará possível e viável a reestruturação do Ensino Fundamental. Segundo orientações do MEC, os/as professores/as necessitam ter uma formação que facilite “estar sintonizado com os aspectos relativos aos cuidados e à educação dessas crianças, seja portador ou esteja receptivo ao conhecimento das diversas dimensões que as constituem no seu aspecto físico, cognitivo-lingüístico, emocional, social e afetivo” (MEC, 2004, p.27). O MEC também explica que “a natureza do trabalho

docente requer um continuado processo de formação dos sujeitos sociais historicamente envolvidos com a ação pedagógica, sendo indispensável o desenvolvimento de atitudes investigativas, de alternativas pedagógicas e metodológicas na busca de uma qualidade social da educação” (MEC, 2004, p.27).

Contudo é preciso estar atento à formação desses docentes, uma vez que esta permite desempenhar um grande papel profissional na educação das crianças pequenas e também na nova estrutura do Ensino Fundamental.

2.2 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A educação é o processo que permite ao indivíduo seu ingresso ativo na sociedade humana. De acordo com Charlot (2003, p. 31) “o que é humano é o conjunto do que a espécie humana produziu ao longo de sua história: prática, saberes, conceitos, sentimentos, obras etc, [...] a educação é essa apropriação do humano pelo indivíduo”.

Dentro de um sistema educacional, a escola (formada pelo diretor/a, pedagogo/a, auxiliares e especialmente professores/as) é uma das responsáveis pela educação dos indivíduos, ou seja, pela transmissão dos conhecimentos sistematizados pela sociedade. Em consequência disto o/a professor/a tem uma tarefa importantíssima tanto para estes/as discentes quanto para a sociedade, por isso, passa muito tempo estudando nas universidades para garantir a aquisição de saberes os quais são inerentes à sua formação.

A Universidade, tendo a incumbência de formar estes/as docentes, deve garantir formação tanto prática quanto teórica. Os cursos de licenciatura, os quais primam por

formar professores/as, necessitam possuir currículos e disciplinas que favoreçam a construção deste/a profissional. Diante disso, Tardif, Lassard e Lahaye, (1991) nos esclarecem que na verdade estes diversos saberes se unem para formar um só, ou seja, o saber docente que é originado pela formação profissional, currículos, disciplinas e o da experiência.

A missão do/a professor/a não é algo fácil. Na prática cotidiana o/a profissional muitas vezes se depara com situações problemáticas que exigem deste/a algo mais. Segundo (TARDIF, LASSARD e LAHAYE, 1991, p.222), “em suma, o/a professor/a padrão é alguém que deve possuir certos conhecimentos das ciências da educação e da pedagogia, sem deixar de desenvolver um saber prático fundado em sua experiência cotidiana com os alunos”. Diante destas circunstâncias faz se necessário que as instituições formadoras de professores/as se preocupem com estas questões. Além disso, o/a professor/a devem estar em concordância com o fato de que ele/a precisa privilegiar o/a aluno/a e suas necessidades, este deve ter especial atenção em detrimento da transmissão de conhecimento pura e simplesmente, como nos explica Tardif, Lassard e Lahaye (1991).

Resumindo, o/a professor/a além de adquirir os conhecimentos de sua área, ele deve também produzir conhecimento prático baseado em sua prática docente o que é fundamental no seu trabalho pedagógico. Portanto, é necessário na formação de professores à valorização do conhecimento prático integrado ao teórico. O cotidiano escolar, deverá ser o lugar que os acadêmicos de licenciatura devem freqüentar durante sua formação para sistematizar um conhecimento prático, e a Universidade precisa garantir esta oportunidade.

2.3 OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Atualmente já não basta para o professor/a de Educação Física ficar apenas como um mero recreador, instrutor ou aquele que preza pela saúde de seus alunos. Os deveres de um professor/a, seja qual for a área, é que este seja também um mediador entre o conhecimento e o/a aluno/a. Conforme Gomes *apud* Abrahão (2004, p. 71), “se os professores não medeiam as crianças em seu processo de aquisição dos instrumentos psicológicos, esses últimos passam de facilitadores e mobilizadores do pensamento à dificultadores”. Portanto, deverá o professor se preocupar em não apenas passar um conhecimento, mas também contextualizá-lo para que este último tenha sentido para o educando.

Gomes citado por Abrahão (2004, p. 71) nos orienta que “a educação é muito mais que a transmissão de conteúdos, é algo muito maior que a preocupação com o produto final. A aquisição do conhecimento é um caminho que envolve o processo cognitivo na promoção tanto de operações mentais quanto de conceitos específicos que proporcionem uma nova relação do indivíduo com o mundo”.

Na Educação Física não é diferente, a cultura que o/a professor/a se apropria faz parte da cultura corporal, e podemos dizer que o jogo, dança, ginástica, esporte e lutas fazem parte da sistematização de conhecimento desta área. Estes conteúdos não podem ser apenas praticados pelos alunos, mas conhecidos dentro de um contexto social, refletido e talvez ressignificado. Assim:

O professor de Educação Física deve criar espaços para discussão em sua aula. Em uma visão transdisciplinar, esses temas podem ser provocados ou explorados a partir dos acontecimentos da aula. Esta conduta deve transcorrer como parte integrante na construção da aula junto aos alunos, com naturalidade, sem destaque especial. São nestes momentos, também, que o professor instiga e favorece a participação crítica dos alunos, valorizando cada participação, educando para a autonomia pessoal. (ABRAHÃO, 2004, p. 24).

Portanto, o/a professor/a além de propagar a cultura corporal (o jogo, dança, ginástica, esporte, lutas), deverá proporcionar a recreação com seus alunos/as, demonstrar hábitos/orientações saudáveis e orientar o/a aluno/a no mundo do movimento. A sua aula deve propiciar condições de reflexão para que o aluno converta o conhecimento em um benefício para sua vida.

Na Educação Infantil, a responsabilidade deste/a docente é de garantir que seu aluno/a consiga aprender movimentos básicos (correr, chutar, saltar, girar, rolar, pegar, lançar, etc). Mas, a assimilação dos movimentos básicos não deverá ser a única preocupação do docente, conforme ressalta Freire (1989). “Outro risco que vejo ser possível a partir de uma consideração isolada do ato motor, é a redução do papel da Educação Física” (FREIRE, 1989, p.23), ou seja, deve-se criar também oportunidades diversas para o desenvolvimento do aluno, para além do âmbito motor, como o cognitivo e o social. Para que isso ocorra o docente deve trabalhar e estimular além do aspecto motor o raciocínio lógico-matemático e a sociabilidade, utilizando jogos educativos os quais têm um enfoque pedagógico, vinculado aos objetivos dos/as professores/as e escola”.

Rodeado de uma atmosfera lúdica o/a aluno/a vivenciará um ambiente de desenvolvimento e aprendizagem. O/a professor/a em suas aulas deverá transmitir valores, conhecimentos e também ressignificar os conhecimentos que o/a aluno/a traz

consigo. Sendo assim, as aulas de Educação Física na Educação Infantil necessitam de uma integração entre o aspecto motor, o cognitivo e o social.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo teve a intenção de analisar a compreensão dos professores/as e também identificar que recursos de sua formação utilizam para atuarem nesta estrutura em fase de reestruturação.

Para isto foi construído um referencial teórico com base nos seguintes autores: CHARLOT (2003); TARDIF, LASSARD e LAHAYE (1991) que abordam a formação de professores; GALVÃO (2002); ABRAHÃO (2004); FREIRE (1987) Que apresentam estudos sobre os professores de Educação Física e as orientações do MEC (2004) sobre a reestruturação que o Ensino Fundamental está passando. O diálogo com estes/as autores/as sobre estes temas supracitados fornecerão indícios para as análises das falas dos sujeitos da pesquisa.

Após a construção do referencial teórico foram realizadas entrevistas com quatro professoras de Educação Física da rede municipal de ensino de Curitiba, atuantes no Ensino Fundamental, especificamente nas turmas de Ensino Infantil.

Os professores se caracterizando como iniciantes e conseqüentemente escolhidos para o estudo foram que se formaram nos anos de 2003/2004 sendo que os eleitos foram aqueles que se dispuseram a participar da pesquisa. O dia, local e horário das entrevistas foram combinados de acordo com a disponibilidade do entrevistado e, os mesmos autorizaram a sua identificação no estudo.

Para a coleta de dados, foi utilizada como instrumento de pesquisa a entrevista semi-estruturada a qual segundo Negrine (1999) tem o objetivo de dar autonomia ao entrevistado para citar fatos relevantes.

Na análise das entrevistas, foram consideradas as falas que possibilitou identificar elementos sobre o tema da pesquisa.

A análise dos dados foi sistematizada em 3 temas:

1. A Inserção das turmas de Educação Infantil no Ensino Fundamental
2. O que mudou no trabalho docente da Educação Física com a inserção das turmas de Educação Infantil no Ensino Fundamental.
3. Os conhecimentos sobre a Educação Infantil na formação de professores de Educação Física.

4. APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

4.1 A INSERÇÃO DAS TURMAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO ENSINO FUNDAMENTAL.

Ao abordar o tema sobre a inserção das turmas de Educação Infantil no Ensino Fundamental as professoras nos revelam a sua compreensão acerca das inovações que estão ocorrendo no Ensino Fundamental, e nos informam o que elas entendem, concordam, discordam e argumentam.

Para a professora Bruna: *“[...] É muito cedo para falar se vai ser uma grande vantagem ou não. Acho que todos os professores lá da escola estão confusos de como isto vai acontecer [...]”* (Entrevista professora Bruna, 09/10/2007).

A fala da professora Bruna nos mostra que os/as professores/as ainda estão confusos neste contexto de reestruturação. Concordando com a professora Bruna, Carmela outra professora diz que: *“[...] A gente não sabe que rumo a gente vai tomar, mas a gente sabe que foi uma escolha que não partiu da gente[...]”* (Entrevista professora Carmela, 19/09/2007).

A professora Bruna nos alerta também sobre as adaptações: *“[...] Esta mudança ela está começando a acontecer, ela não está já acontecendo, aos poucos a cada ano vai se adequando [...]”* (Entrevista professora Bruna, 09/10/2007). Nesta fala é possível perceber que a escola aos poucos está realizando as adaptações e o resultado é a longo prazo.

Também é importante destacar o desabafo da professora Carmela: *“Mas também na minha compreensão, é que isso extrapola a escola, [...] e que a gente estava por fora disso, agente não foi avisada, explicado por quê isto está acontecendo [...]”* (Entrevista professora Carmela, 19/09/2007). Segundo o que é relatado parece que as instituições escolares e seus membros não receberam algum tipo de comunicação prévio a respeito da reestruturação.

Outro ponto a ser evidenciado é com relação ao acompanhamento e a manutenção das modificações por parte do órgão regulador o MEC, mas parece que isto não acontece de forma efetiva de acordo com a professora Francis *“Na hora de fazer o planejamento a gente fica em dúvida, qual é o conteúdo do primeiro ano, pois a gente percebe que eles são ainda muito pequenos para fazer coisas que uma primeira série faz [...]”* (Entrevista professora Francis, 16/10/2007). É possível perceber nesta fala da professora Francis que falta ações de acompanhamento pelo MEC, com isso é importante lembrar o que Kramer e Bazilio (2003) orientam sobre o fato de garantir adequação das crianças e suas necessidades na escola.

O MEC faz um olhar demasiadamente positivo nesta nova reestruturação:

A ampliação em mais um ano de estudo deve produzir um salto na qualidade da educação: inclusão de todas as crianças de seis anos, menor vulnerabilidade a situações de risco, permanência na escola, sucesso no aprendizado e aumento da escolaridade dos alunos. Os processos educativos precisam ser adequados à faixa etária das crianças ingressantes para que a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental aconteça sem rupturas traumáticas para elas. A ampliação tem implicações, que não podem ser subestimadas, em vários aspectos: proposta pedagógica, currículo, organização dos espaços físicos, materiais didáticos e aspectos financeiros. Também repercute sobre a Educação Infantil, pois as diretrizes em vigor para esta etapa precisarão ser reelaboradas. (2004, p.2).

Mas parece desprezar a fala de professores/as sobre as adaptações das instituições neste plano de reestruturação e, conseqüentemente de seus docentes.

Segundo as falas das professoras, esta nova reestruturação vem acontecendo de forma muito lenta em suas respectivas escolas. O acompanhamento do MEC está se realizando de uma forma estreita conforme o discurso destas professoras. Em uma de suas falas a professora Carmela cita que não se sabe se isto vai ser bom ou ruim para o Ensino Fundamental, por ser muito recente a implantação desta reestruturação, fica incerto perante estas docentes o benefício da inserção da Educação Infantil no Ensino Fundamental.

4.2 O QUE MUDOU NO TRABALHO DOCENTE DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM A INSERÇÃO DAS TURMAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO ENSINO FUNDAMENTAL.

Com a modificação do Ensino Fundamental, as turmas do “novo” primeiro ano estão entrando com cinco anos e meio e também seis anos completos, idade que eles estariam ainda na Educação Infantil. Com esta situação os professores/as estão recebendo um corpo discente mais novo com relação à idade, portanto eles/as devem adequar os seus trabalhos as exigências dos novos educandos/as.

A professora Francis ressalta a importância do trabalho de adaptação dos/as professores/as, nos contando às dificuldades que passou quando atuou nas turmas novas do primeiro ano: *“Então você tem que se adaptar a elas, não adianta que elas não vão te ouvir, não vão fazer e entender se você falar do mesmo jeito que fala com a quarta série. Então para mim é uma dificuldade até porque eu não tive este tipo de experiência antes com os pequenos, para mim o que mais me incomodava era chamar*

a atenção deles(fazer com que ficassem atentos às atividades), foi o que mais me preocupava manter a atenção deles e fazer entender, trazer um conteúdo que viessem a entender e gostar ... aprender a me comunicar”(Entrevista professora Francis, 16/10/2007).

Fica claro com o relato da professora Francis que além do processo de adequação o professor/a passa por dificuldades pedagógicas. Ela relata outras situações que podem também afetar outros docentes: *“Tem também dificuldades, com turmas de primeiro ano com 35 alunos. Então as vezes você tem que fazer com que todos eles fiquem o tempo suficiente numa atividade, não tem como”(Entrevista professora Francis, 16/10/2007).* Conclui-se com o fato relatado que quando se aumenta o número de alunos/as de uma turma, diminui o cuidado e a atenção que o/a professor/a tem para cada aluno/a. Pode se dizer que a qualidade do trabalho docente cai à medida que se aumenta o número de alunos/as, este é um fato que precisa de muita atenção por parte dos órgãos governamentais.

Carmela é outra professora que cita outros problemas e mudanças que prejudicam os docentes - não pertencentes à mesma área - ocorridas pelas alterações do MEC: *“O que mudou mesmo foi para os professores de sala que daí não sabiam se alfabetizavam, se seria pré-escola não alfabetizavam, mas quando muda para ensino fundamental, os professores ficavam perdidos nas questões dos conteúdos de trabalho”* (Entrevista professora Carmela, 19/09/2007). A fala da professora Carmela evidencia muito bem uma certa falta de orientação e cuidados por parte de órgãos responsáveis. Ainda é precário o acompanhamento necessário para as alterações e

também demonstra como se encontra a situação de alguns professores/as os/as quais deveriam estar bem amparados/as nesta reestruturação educacional.

Segundo o MEC:

A ampliação tem implicações, que não podem ser subestimadas, em vários aspectos: proposta pedagógica, currículo, organização dos espaços físicos, materiais didáticos e aspectos financeiros. Também repercute sobre a Educação Infantil, pois as diretrizes em vigor para esta etapa precisarão ser reelaboradas. (2004, p.2)

Nota-se certa incoerência dos textos do MEC em relação ao que está acontecendo na prática relatada pelas professoras. Parece que os parâmetros de regulação e o acompanhamento para a inovação parecem não estar acontecendo, segundo as falas de professores/as atuantes ou que já atuaram no novo primeiro ano. Além de prejudicar os professores/as este comportamento divergente deve influenciar também as experiências dos alunos/as.

4.3 OS CONHECIMENTOS SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Juntamente com a escassa produção científica, a discussão e atenção da Educação Física Infantil na UFPR antes das reformas curriculares que aconteceram nos anos de 2003 e 2004 não eram específicas e a abordagem se limitava apenas aos discentes do Ensino Fundamental como nos mostra Grasielle outra professora entrevistada, “*A minha formação não me ajudou em nada para atuar na Educação Infantil [...]*” (Entrevista professora Grasielle, 23/10/2007).

A professora Francis descreve outro caso em sua fala: “[...] *avalio hoje que não tive muito a discussão dos pequenos, 0 a 6 anos, na Universidade. Primeiro que não tinha uma disciplina específica[...]*” (Entrevista professora Francis, 16/10/2007). A fala da referida professora deixa claro um dos aspectos de sua formação que necessitava ser abordada por ela estar hoje atuando com as crianças de 5 anos em diante. Alguns autores que estudam a relevância do saber prático em integração com o teórico, segundo o que nos informou anteriormente Tardif, Lassard e Lahaye (1991) o/a professor/a padrão é alguém que deve possuir um saber prático fundado em sua experiência cotidiana. Não que a docente em questão não teve acesso aos conhecimentos da ciência da educação e pedagogia, porém a professora Francis não teve acesso aos da Educação Infantil que são específicos da faixa etária na qual ela atua.

Outro depoimento interessante dado a respeito da formação de professores/as, é o da aproximação da Universidade com escola. A professora Bruna relata que: “[...] *No meu modo de ver, por exemplo, se hoje eu for lá na Universidade falar da minha experiência na escola, eu acho que isto aproxima os acadêmicos da escola. Diferente de um professor universitário que não está vivendo o cotidiano escolar, ele vai falar sobre estudo, pesquisa e mil e uma coisas, mas ele não está vivendo o chão da escola, quem pode falar é quem está lá. [...] A Universidade esta descolada da escola, não sei até que ponto, isto pode se juntar, mas é uma crítica. [...]*” (Entrevista professora Bruna, 09/10/2007). A aproximação da Universidade com escola é uma idéia defendida também por Caldeira que diz:

Os programas de formação inicial costumam estar separados dos problemas reais que o professor deve enfrentar em seu trabalho cotidiano. Por exemplo: os alunos socialmente desfavorecidos e que, hoje, constituem a maioria dos alunos da escola pública são desconhecidos pelos docentes em formação. Assim, um dos desafios da formação inicial é trazer, para reflexão nos cursos de licenciatura, a realidade escolar. (2001, p 91)

A autora em consonância com a fala da Professora Bruna faz uma referência da falta do cotidiano da escola no meio acadêmico, com isto se reforça a idéia de que a formação de professores fica mais complementada com a integração de professores/as da Educação Básica ao ensino Universitário.

Acerca da contribuição formativa da Universidade, as professoras comentam: *“Acho que a formação me ajudou mais teoricamente para eu saber o que escolher para depois eu correr atrás [...], porém o mais importante que foi o direcionamento eu consegui, o resto é só correr atrás”* (Entrevista professora Carmela, 19/09/2007). Portanto para ela o direcionamento profissional é mais importante do que conteúdos.

A professora Bruna comenta a contribuição da formação crítica que a Universidade forneceu: *“A Formação da Universidade em si contribui muito. Não só como profissional, mas como pessoa. Esta formação mais crítica, até por ser uma Universidade pública, de sempre pensar e de se colocar de frente para realidade do Mundo e tal[...], sempre teve uma preocupação em adaptar materiais, materiais alternativos e dar conta de tudo independentemente das condições econômicas”* (Entrevista professora Bruna, 09/10/2007). De acordo com a professora Bruna, a formação crítica recebida na Universidade ajuda na contextualização da realidade podendo facilmente identificar atuais problemas nas escolas.

A professora Francis também relata sobre as contribuições de sua formação na atuação com as novas turmas: *“O que me ajuda no cotidiano da escola, apesar dos*

problemas de minha formação, ela ainda me ajudou bastante porque por mais que não tinha tido disciplinas específicas de Educação Infantil, o fato de eu estar preocupada desde cedo, ter professores/as que discutiam a escola e educação como um todo" (Entrevista professora Francis, 16/10/2007). Apesar de não ter as disciplinas específicas da Educação Infantil, a professora Francis fala que os professores/as contribuíram de alguma forma quando estes discutiam junto aos acadêmicos/as as instituições escolares e suas particularidades como um todo. E adiciona: "*[...] a gente não tem uma "receita" para lidar com os pequenos, mas temos consciência e clareza do que a gente quer fazer na escola[...], na sala de aula se levanta as questões e depois vai procurar as respostas[...], então a minha formação foi em uma perspectiva mais ampla, isto devido a busca e procura por outros espaços[...]*" (Entrevista professora Francis, 16/10/2007). Juntamente com a professora Carmela, a professora Francis evidencia a importância do direcionamento feito dentro da sala de aula, ou seja, a orientação para o que pensar e fazer dentro da escola independente da faixa etária, bem como cita a importância da busca e procura por outros recursos didático-pedagógicos.

Com a análise, fica claro que apesar de a formação não ter fornecido especificamente subsídios para atuação na Educação Infantil, ela ajudou o acadêmico na sua formação profissional como um todo.

As docentes relatam em suas falas dos recursos da sua formação que utilizam na atuação do novo Ensino Fundamental, estes recursos foram de pensar seu trabalho docente independentemente do nível de ensino que atue. Ressaltam também que cada acadêmica/o é responsável por sua formação, pois ela/e deve buscar e procurar por

outros espaços que possam complementar sua formação. Portanto o recurso da formação que estas professoras utilizam é a autonomia que a formação universitária forneceu para estarem pensando e buscando os complementos que faltam para a atuação no novo Ensino Fundamental.

5. CONCLUSÕES

Com a nova estrutura do Ensino Fundamental, o cotidiano escolar sofreu modificações com a entrada da criança a partir dos 6 anos de idade. Nesta pesquisa a análise das falas de professores/as possibilitou visualizar o que está ocorrendo com esta reestruturação em algumas escolas municipais de Curitiba.

No que tange à inserção das turmas de Educação Infantil no Ensino Fundamental ficou claro que esta reestruturação ainda está em processo de implantação. Segundo os relatos das professoras, mesmo após um ano de mudanças, é necessário que se faça ainda adaptações e o acompanhamento do MEC precisa ser sistematizado devido aos momentos de dúvida que surgem neste novo contexto educacional.

É fundamental um melhor amparo do MEC para que não ocorram dúvidas como: alfabetizar ou não as crianças 6 anos iniciantes no Ensino Fundamental?

Com relação ao trabalho docente neste contexto de reestruturação, as professoras precisaram adequar os seus trabalhos. Ao realizar as adequações, estas professoras, conseqüentemente, passaram por dificuldades pedagógicas causadas pelas condições físicas da escola e esclarecimentos relacionados a implantação do ensino Fundamental de 9 anos.

Acerca dos conhecimentos provenientes da formação em Educação Física, para atuar com a Educação Infantil, estas professoras tiveram pouca formação sobre este tema, conforme nos relatam.

Segundo elas, para a atuação neste novo contexto educacional, a formação recebida na Universidade foi de vital importância. Esta formação contribuiu muito na questão de como realizar uma busca por aquilo que se precisa ou encontrar respostas para as dúvidas que eventualmente possam aparecer. Além disso, no que diz respeito à escola, a formação teve um papel importante no direcionamento de objetivos com relação a esta instituição. Em outras palavras, para estas professoras, o recurso de sua formação mais importante para atuação nesta reestruturação foi o desenvolvimento da autonomia docente.

Através da análise da fala das professoras, pode-se constatar por meio de suas compreensões como MEC se comporta em relação às escolas das professoras envolvidas. Mesmo elas realizando um bom trabalho de adaptação, o trabalho mostra dificuldades. Portanto, é preciso uma ação coletiva, integrada e efetiva para realizar o trabalho de adaptação deste novo contexto educacional, ou seja, para não prejudicar os/as discentes envolvidos/as é preciso que não só as professoras/es adequem seu trabalho, mas a escola e o seu quadro de funcionários/as precisam realizar esta tarefa simultaneamente. É necessário instruir e acompanhar melhor estes sujeitos com intuito de valorizar seus trabalhos voltados à adaptação deste novo Ensino Fundamental.

A inserção da Educação Infantil no Ensino Fundamental faz com que a Educação Física como área de conhecimento tenha uma maior preocupação com este nível de ensino. Mesmo estando atrelado com Educação Básica a Educação Infantil merece cuidados específicos e as universidades além de desenvolver a autonomia de professores/as devem prepará-los/as para atuar sem dificuldades e dúvidas nesta fase de escolarização da criança. Assim este estudo poderá ser uma fonte de dados para

formação de professores/as de Educação Física e espero que entusiasme outros/as investigadores/as a realizarem pesquisas que aprofundem o assunto.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. “O sujeito e a relação com o saber”. In: LAZZARI, RAQUEL e BARBOSA, LEITE (ORG). *Formação de educadores: Desafios e perspectivas*. São Paulo; Editora Unesp, 2003.

KRAMER, Sonia e BAZÍLIO, Luiz Cavalieri. *Infância, educação e direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2003.

MEC. *Ensino Fundamental de Nove Anos 1º Relatório*. Brasília, 2004.

MEC. *Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações gerais*. Brasília, 2004.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. IN:.

TARDIF, Maurice; LASSARD, Claude e LAHAYE, Louise. Os professores face ao saber: Esboço de uma problemática do saber docente. *Teoria & Educação*, n. 4, p. 215-233, 1991.

CALDEIRA, Anna Maria Salgueiro. A formação de Professores de Educação Física: Quais saberes e Quais habilidades? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. v. 22, n. 3. p. 87 – 103, maio 2001.

SAYÃO, Débora. Educação Física na Educação Infantil: riscos, conflitos e controvérsias. *Motrivivência*, Florianópolis: UFSC, n. 13, p. 221 – 240, 1999 a.

FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro*. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1987.

GALVÃO, Zenaide. Educação Física escolar: a prática do bom professor. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. ano 1 n° 1, p. 65 – 72, 2002.

ABRAHÃO, Sergio Roberto. *A relevância dos jogos cooperativos na formação dos professores de Educação Física: uma possibilidade de mudança paradigmática*. 2004. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.